



Lemish, D., Gotz, M. (2017). *Beyond the Stereotypes? Images of boys and girls, and their consequences*. The International Clearinghouse on Children, Youth and Media, Yearbook 2017. Gothenburg: NORDICOM, Sweden, 254 páginas. ISBN: 0-7507-0596-5 (pdf).

Entre os direitos de cidadania de crianças e adolescentes estão os que asseguram a sua não discriminação (Artigo 2º da Convenção sobre os Direitos da Criança) em qualquer tipo de situação. É em torno da não discriminação de crianças tomando como centro as questões de género na sua construção identitária que se organiza este recente livro organizado por duas profundas conhecedoras da temática crianças e média.

Com vários livros publicados sobre crianças e média, Dafna Lemish é também editora do *Journal of Children and Media*. Maya Gotz é especialista em televisão para crianças e responsável pelo Festival Internacional *Prix Jeunesse*, que se realiza anualmente em Munique e que premeia obras televisivas de qualidade para os mais novos. Foi preocupação das duas editoras explorar a influência e as consequências da exposição de crianças e adolescentes a representações de género – tanto as representações tradicionais como as que se lhe opõem.

Dafna Lemish e Maya Gotz destacam a complexidade e diversidade da construção da identidade de género e os modos como os média podem influenciar essa construção com o seu poder, tanto para reforçar estereótipos como para os contrariar. Como a investigação internacional sobre este tema tem revelado, o reforço de estereótipos que se traduzem na perpetuação das desigualdades de género e na divisão de horizontes masculinos e femininos tem, de longe, predominado sobre produções que desafiem lógicas binárias e narrativas dominantes sobre género.

Muita dessa investigação sobre média e género tem decorrido nos Estados Unidos, na Europa e na Austrália. Apraz por isso notar que entre os 21 capítulos que sustentam esta obra se encontram contributos de investigadores provenientes do Brasil, da China, da Índia e do Botswana. Do lado da produção televisiva estão presentes contributos alternativos provenientes de países como a Argentina e o Bangladesh, para além do Canadá e da Holanda, fazendo assim parte do leque desafiante de conteúdos para crianças que questionam estereótipos de género.

As conclusões apontadas pela pesquisa já numerosa e sistemática sobre este tema indicam três grandes tendências: 1) o predomínio de personagens masculinas (que constituem o dobro das femininas) nas séries e filmes para crianças, um padrão que se destaca ainda mais nas figuras não-humanas de desenhos animados; 2) a hipersexualização das personagens femininas e a hipermasculinidade das

personagens masculinas; 3) a segregação por género associada a aspetos de produção (cores, música, efeitos sonoros...).

A investigação tem também mostrado que uma exposição recorrente a estes estereótipos de género tem correlações com preferências por conteúdos e com a escolha de brinquedos, jogos e atividades que sejam “apropriados” para rapazes e para raparigas. Estas preferências encontram âncora em visões tradicionais de papéis, de ocupações profissionais ou de traços de personalidade e influenciam as suas atitudes face a aspirações futuras. A atenção a impactos estereotipados tem sido maior sobre raparigas do que sobre rapazes, uma desigualdade a que a própria investigação deve estar atenta. Importa superar essa lacuna, como realçam as editoras: também os rapazes são alvo de representações estereotipadas sobre masculinidade.

Há, contudo, outras abordagens que importa considerar, nomeadamente ultrapassar uma visão ela própria dicotómica sobre género (masculino versus feminino), dando abertura a um olhar que dê mais conta da sua fluidez.

Respondendo a estes desafios, a obra está organizada em duas partes. A primeira parte, denominada *Intervenções*, foca-se na produção de conteúdos de media para crianças que contrariam estereótipos e também na capacitação crítica de crianças e adolescentes para contrariarem estereótipos. A segunda parte, *Consequências*, explora a influência da exposição a representações de género, sejam tradicionais ou não, sobre crianças e adolescentes. Nos suportes analisados, aos livros impressos e aos ecrãs da televisão juntam-se os meios digitais, com destaque para as plataformas das redes sociais e canais de música.

Visitemos brevemente alguns dos capítulos de ambas as partes.

Quatro programas finalistas do *Gender Prize* da edição do Prix Jeunesse de 2016 de televisão foram analisados por Dafna Lemish. A autora destaca as suas particularidades no contrariar de estereótipos: *Tasmina: The Horse Girl*, do Bangladesh e passado numa aldeia remota desse país, desafia papéis de género em sociedades tradicionais; *How Ky Turned into Niels*, da Holanda, incide sobre a distrofia de género, uma questão que é ainda tabu na maioria dos países; *Annedroids: Palling Around*, do Canadá, assenta na relação de crianças com ciência e tecnologia (STEM), um campo tradicionalmente masculino. A série coloca como protagonista uma figura feminina, rodeada de amigos e amigas, e inclui uma personagem com uma identidade de género por definir; *Mentira la verdad – Lo Feminino*, da Argentina, é o programa juvenil que vai mais longe na apresentação da fluidez de género, problematizando esse conceito e assim contrariando o dominante olhar binário.

O guião disruptivo da obra literária *First Test*, de Tamora Pierce (2015), protagonizada por uma figura feminina que recusa seguir o que dela se espera é dissecado por Katy Day. A investigadora destaca o potencial do estilo fantástico, tão apreciado por adolescentes para contrariar estereótipos de género que se manifestam nos contextos reais.

Uma análise textual a dez episódios da série de televisão norte-americana para adolescentes, *The Fosters*, onde surge uma figura adolescente transgénero, foi seguida de um estudo de audiência sobre a série, realizado junto de adolescentes e pais. Este estudo de Nancy Jennings destacou que os pais manifestam mais

preocupação com conteúdos sexuais e com as questões de género do que os adolescentes.

Os esforços do produtor executivo do filme de animação *Thunderbirds Are Go* - uma sequência do filme original dos anos 1960 produzida em 2015 - para incluir personagens em papéis de género não-tradicionais foram destacados no capítulo assinado por Anna Potter. A investigadora realça os constrangimentos comerciais que se fazem sentir à introdução de inovações nestes conteúdos globais.

Ainda no âmbito das intervenções, destacamos o capítulo que apresenta a promoção de literacia para os média por parte de uma organização especialmente dirigida a raparigas adolescentes latinas a viver nos Estados Unidos (*Latinitas*). O capítulo é assinado por Alexandra Sousa, estudante de doutoramento da Universidade do Texas em Austin, e por Srividya Ramasubramanian, da mesma Universidade e diretora executiva de *Media Rise*, rede orientada para a intervenção junto de educadores, criativos e decisores políticos.

É em dissonância com esse esforço a vários níveis para produzir e capacitar de modo a contrariar estereótipos de género que esta primeira parte conclui com uma análise crítica, realizada por Nelly Elias, Idit Sulkin e Dafna Lemish, sobre as representações de género presentes no canal internacional dirigido aos mais novos, *Baby TV*. Quase trinta anos depois da Convenção sobre os Direitos da Criança e do seu Artigo 17º, que apela a uma oferta de qualidade por parte dos média dos países, no contexto da globalização cultural essa realidade mediática não se verifica no que se refere a contrariar estereótipos de género neste segmento de programas.

Na segunda parte deste livro encontramos uma diversidade de artigos que discutem as consequências da exposição a conteúdos estereotipados para a vida e as experiências das crianças. Os contributos, provenientes de culturas do Norte e do Sul, acentuam muito mais o alinhamento de crianças e adolescentes com estereótipos de género do que a capacidade para os contestarem. Nesta seção, as metodologias de pesquisa que envolveram crianças e adolescentes foram sobretudo de tipo qualitativo, com recurso a entrevistas, grupos de discussão, desenhos comentados e escrita de textos pelos próprios adolescentes.

A apropriação no discurso de adolescentes de representações estereotipadas sobre beleza, a imagem do corpo perfeito e sexualidade, em consonância com conteúdos de vídeo clips e de páginas de celebridades, como modelos de moda, é destacada em várias pesquisas.

Kara Chan, Maggie Fung e Tabitha Thomas analisam representações visuais e verbais de pré-adolescentes de Hong Kong sobre o que é ter ‘bom aspeto’ ou “mau aspeto” em rapazes e raparigas, destacando como a beleza física está associada a valores materiais. Maya Gotz e Ana Rodriguez combinam resultados quantitativos sobre representações de género nos 100 vídeo musicais mais populares nos Estados Unidos e na Alemanha, com entrevistas a jovens que veem nos artistas musicais e nas suas performances modelos e estilos de comportamento a seguir. Carmen Llovet, Mónica Diaz-Bustamante e Kavita Karan incidem sobre comentários nas redes sociais realizados por raparigas sobre uma modelo de moda, Kristina Pimenova, de 10 anos e considerada a rapariga mais bonita do mundo. Nesses comentários transparece baixa autoestima, inveja, ansiedade e outros sentimentos negativos.

Entre capítulos que exploram reflexões de jovens sobre estereótipos, destacamos os capítulos provenientes do Brasil e do Botswana. No primeiro, Monica Barbovski, Tatiana Jereissati e Graziela Castelo analisam como pré-adolescentes e adolescentes da região de São Paulo se posicionam face a discursos hipersexualizados e heteronormativos sobre feminidade e masculinidade presentes nas redes sociais. As autoras destacam que foram poucas as contestações a esses padrões tanto por parte de rapazes como de raparigas.

Por sua vez, Ardis Storm-Mathisen recorreu a textos escritos por adolescentes de aldeias do Botswana sobre como imaginavam a sua vida daí a 20 anos. A análise realça uma mistura entre representações tradicionais, por um lado, e representações que contrariavam estereótipos, por outro. Nota o autor que representações de sentido diverso coexistem e que provem mais de fontes escolares, de familiares e da comunidade do que dos média, cujo acesso ainda é baixo na região.

Os dois capítulos que se centram em performances de género por parte de pré-adolescentes e adolescentes relativamente conscientes sobre esse desempenho partilham a conclusão de que os estereótipos estão incorporados nessas performances. A análise de Shiri Reznik sobre a “perfeita história de amor” escrita por jovens raparigas israelitas revela o romantismo associado a papéis de género; as *selfies* colocadas nas redes sociais por raparigas suecas também reforçam considerações sobre estereótipos de género, sublinha Michael Forsman.

Dos capítulos restantes da coletânea destacamos o que incide na receção por parte de crianças norte-americanas de *Annedroids*, a que fizemos referência e que introduz uma visão não-normativa sobre género na figura de um/a androide. Este/a, PAL, que tem poderes para escolher o seu próprio género, masculino ou feminino, decide depois de experimentar as opções recusar essa escolha e ser “apenas eu”. Sara Beck, Rebecca Hains e Colleen Johnson confrontaram as atitudes de crianças de oito a dez anos sobre género antes e depois do visionamento da série.

No momento da chamada à participação com contributos para esta obra, o seu título previsto, *Beyond the Stereotypes*, prescindia do ponto de interrogação com que agora se apresenta. Dafna Lemish e Maya Gotz acreditavam, de um modo otimista, como destacam, que seria possível documentar significativas mudanças positivas neste campo. Contudo, como escrevem em balanço, na sua introdução, os mais novos, como os adultos, estão muito longe de ter ultrapassado os estereótipos de género que dominam nos média; pelo contrário, as conclusões encontradas na maioria dos 21 capítulos apontam que crianças e adolescentes estão muito ligados a eles. Mesmo assim, alguns dos trabalhos publicados revelam que, com tempo, orientação e experiência, podem também refletir de modo crítico sobre eles e encontrar mesmo alternativas, concluem.

Esta é mais uma publicação disponível online e em formato impresso, editada pelo Centro de Informação sobre Média e Comunicação dos Países Nórdicos (NORDICOM). Todos os anos a *International Clearinghouse on Children, Youth and Media*<sup>1</sup>) que lhe está associada publica uma obra de fundo sobre direitos das crianças e jovens para os média, recolhendo contributos de investigadores e organizações no terreno, dos vários continentes.

---

<sup>1</sup> Ver: <http://www.nordicom.gu.se/en/clearinghouse>

Entre as publicações mais recentes encontra-se *Agentes e Vozes, Um Panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha*, editada pela investigadora brasileira Ilana Eleá.

Os recursos deste *website* na forma de bases de dados, publicações, notícias e outros formatos, serão certamente muito úteis a todos os interessados nos direitos de cidadania das crianças relativamente aos média.

Cristina Ponte  
Universidade Nova de Lisboa (Portugal)  
cristina.ponte@fcs.unl.pt